

7

É Possível Articular Educação e Evangelho?

D. ANTÓNIO COUTO*

ABSTRACT

This paper examines the complex relationship between education and the Gospel, highlighting the plurality of meanings of both terms and the challenges of articulating them in contemporary contexts. It contrasts the traditional paradigm of identity and belonging with the emerging need for an education rooted in openness to the other. Drawing on Levinas and biblical insights, it proposes a new paradigm of “I-for-the-other,” where human formation is understood not as power or self-assertion, but as responsibility, gratuity, and encounter with the face of the other.

Keywords: alterity, education, evangelization, Gospel, identity, Levinas.

1. Educação e Evangelho: pluralidade de significados dos dois termos

A educação está sempre lá, na base de qualquer *cultura e civilização*. Por isso, a crise da *educação* leva sempre à crise da *cultura* e da *civilização*. Sendo tão primordial o papel da *educação*, e sendo a Bíblia uma permanente fonte e oferta de sentido, podemos então perguntar: o que pode a Bíblia e o Evangelho dizer-nos sobre a *educação*? Por outras palavras: qual é (ou pode ser) a relação entre a *educação* e o *evangelho*?

Postos perante estas questões, rapidamente nos aperceberemos da impossibilidade de lhes responder adequadamente. Por duas razões: a primeira (1) fica a dever-se à pluralidade de significados dos dois termos [educação e evangelho], não apenas nos planos subjetivo e transubjetivo (onde essa pluralidade é óbvia), mas também e sobretudo no plano objetivo, em que a pergunta que se põe é: o que é que significa, no plano substancial, *educar*? Se significa transmitir uma determinada imagem do ser humano e da *humanitas* que o rodeia, acaba-se num

* Bispo da Diocese de Lamego.

impasse devido ao facto de, por entre a dissolução da modernidade e os fragmentos da pós-modernidade em que estamos, se tornar impossível chegar a um consenso sobre uma imagem de ser humano por todos aceite. Por outras palavras: qual é, na verdade, a imagem de ser humano para a qual *educar*? O humano cristão? O pagão? O humanista? O burguês? O utopista? O marxista? O laicista? O democrata? O autocrata? O ecologista? O narcisista? O individualista? O altruísta? O hedonista? O lúdico? O *homo oeconomicus*? O *homo consumens*? O tecnológico? O virtual? O LGBTQ+?

E, no que ao *Evangelho* diz respeito, o que é que significa *evangelizar*? Literalmente, significa *anunciar o evangelho*, que é a “boa notícia” de que Deus, em Jesus Cristo com o Espírito Santo, amou e ama, chama e interpela o ser humano, e está sempre do seu lado, inclusive na morte para dela o salvar. Mas também aqui temos de pôr a pergunta: o que é que significa verdadeiramente anunciar esta “boa notícia”? Significará *dá-la a conhecer* e *torná-la conhecida*, porque só tomando conhecimento dela se pode aceder ao amor que Deus nutre por cada ser humano, da mesma forma que, para subir a uma montanha, é preciso primeiro conhecê-la, saber da sua existência e localização? Ou será que significa *notificar*, isto é, tornar conhecido que, em Jesus Cristo com o Espírito Santo, a existência humana é habitada pelo Sentido, vendo-se o Sentido como bondade e benevolência, que ama gratuitamente, e chama a amar gratuitamente, não dependendo do conhecimento, mas que é anterior a qualquer conhecimento, do mesmo modo que a existência do sol e da sua fruição está antes e independentemente do conhecimento da sua existência? Numa palavra: a *evangelização* diz respeito em primeiro lugar ao *conhecimento do ser* ou ao *ser*? À *ordem epistemológica* ou *ontológica*? Na tradição cristã tem prevalecido quase sempre a primeira resposta, pelo que a *evangelização* tem sido compreendida como *conhecimento* enquanto condição de acesso ao amor de Deus revelado em Jesus Cristo com o Espírito Santo. Daí, a insistência permanente na necessidade de formação e informação. Todavia, uma leitura mais atenta e que respeite os textos bíblicos põe a descoberto a insuficiência desta resposta multimilenar, e compreende-se cada vez melhor que o evangelho é evangelho, isto é, “notícia boa e surpreendente”, que diz respeito a todos indistintamente, e não apenas aos crentes que a ela aderem conscientemente.

Feitas estas anotações, fica claro que para articular o termo *evangelização* com o termo *educação*, e para evitar mal-entendidos e curto-cir-

cuitos inibidores, seria necessário controlar todos os significados que lhes são atribuídos, o que resulta manifestamente impossível.

2. Que paradigma para a educação? Ainda o paradigma multimilenar assente na identidade e pertença?

Sendo a nossa questão a relação entre a *educação* e o *evangelho*, já nos apercebemos da dificuldade da sua articulação devido à pluralidade de significados dos dois termos (educação e evangelho). Anotada esta primeira razão que prejudica a articulação desejada, eis que surge uma segunda razão (2) que torna ainda mais problemática a sua articulação: o colapso do *paradigma educativo* multimilenar, documentado em todas as culturas, transversal a todas as religiões e às próprias confissões cristãs.

São duas as características que qualificam este paradigma educativo multimilenar: a *identidade* (1) e a *pertença* (2). *Educar* significou sempre educar para os valores partilhados por aqueles que eram “iguais” e “os mesmos” (daqui “a identidade”), mas que, por mais que se quisesse que fossem comuns e universais, na verdade apenas o eram para os membros do seu *grupo de pertença*. Daqui a segunda característica deste paradigma, “a pertença”, que especifica e limita a primeira, “a identidade”. E vem ao de cima o facto, desde sempre considerado óbvio e natural, de que *educar*, para um budista, é educar para o budismo; para um marxista, é educar para o marxismo; para um liberal, é educar para o liberalismo; para um democrata, é educar para a democracia; para um autocrata, é educar para a autocracia; para um pagão é educar para o paganismo; para um cristão, é educar para o cristianismo; para um católico, é educar para o catolicismo; para um judeu é educar para o judaísmo, e assim por diante... Se isto é verdade, os modelos educativos são tantos quantas as culturas, as ideologias e as linguagens que são os instrumentos indispensáveis das culturas.

Neste condomínio fechado, *educar* significa, portanto, educar dentro da lógica da *identidade* e da *pertença*, que é a lógica de todas as culturas, e, na leitura de Emmanuel Levinas, é a própria alma do pensamento ocidental, em cujo ato ou ata de nascimento se teria inscrito logo a *negação do outro enquanto outro*. «Desde a sua infância, a filosofia está afetada por um horror ao *outro*, e por uma incurável alergia ao *outro que permanece outro*, diferente de mim. Por isso, ela é essencialmente uma filosofia do *ser*, para a qual a compreensão do ser permanece a última palavra e a estrutura fundamental do ser humano. É por isso também

que ela se torna naturalmente filosofia da imanência e da autonomia [sem nenhuma heteronomia], em última análise, ateísmo. O Deus dos filósofos, de Aristóteles a Leibniz, passando pelo Deus dos escolásticos, é um deus adequado à razão, um deus compreendido e tematizado que não pode perturbar a autonomia da consciência, a qual se reencontra a si mesma através de todas as suas aventuras, e volta a si mesma como Ulisses que, ao longo de todas as suas peregrinações, se dirige unicamente para a sua ilha natal» (E. Levinas, *Scoprire l'esistenza con Husserl e Heidegger*, Milão, Raffaello Cortine Editore, 1998, pp. 216-217).

3. Ou partir para um novo paradigma baseado no acolhimento do outro?

Hoje, porém, assistimos à lenta, mas cada vez mais rápida, dissolução deste *paradigma educativo identitário*. Mas é bom tomarmos consciência de que esta dissolução ou crise educativa é consequência da crise mais profunda da modernidade e da pós-modernidade. Consequência e não causa. Por detrás desta dissolução, está o multiculturalismo dos processos migratórios e a fragmentação do moderno e do pós-moderno. Não se conseguindo vislumbrar ainda um novo paradigma, esta dissolução cria, nas sociedades democráticas ocidentais e nas Igrejas, aquilo a que se chama “emergência educativa”, que consiste em descobrir o que fazer para transmitir às novas gerações valores, maneiras de ver e de viver, ideias mestras agregadoras. Põe-se então a questão: como sair desta emergência? Que tipo de educação adotar? Manter o *paradigma educativo identitário*, por muitos ainda considerado insuperável, ou aceitar o desafio de um *novo paradigma*, em que *educar* não seja *educar* para a *pertença*, que sou *eu como parte* de um grupo de *pertença*, nem para o *individualismo* enquanto estação do “eu” inaugurada pela modernidade, que sou *eu egoística e egologicamente voltado para mim mesmo* assistido pelos meus sacrossantos direitos, situação que torna difícil, senão impossível, a socialidade, e gera solidões, injustiças e violências, mas para o *acolhimento do outro* e de *todos os outros enquanto outros*, em que todos sejam acolhidos e respeitados na sua alteridade, em que perpassa o amor gratuito e desinteressado, bondade e justiça, que é o conteúdo e a realização do Evangelho e de qualquer forma de Evangelização? E o que é que são *os outros enquanto outros*, que eu não posso absorver, porque estão antes e fora do “estrugido” da consciência? São *os outros que permanecem outros em relação a mim*, porque eu

não posso assimilar, tematizar ou catalogar o seu *rostro*, que eu não posso nem devo querer transformar em *alter-ego*, reduzir a sua alteridade à minha *identidade* nem ao meu grupo de *pertença*. Em boa verdade, o *rostro* não é conteúdo, não entra no “estruído” do conhecimento, que é sempre o procedimento pelo qual uma exterioridade se encontra no interior de uma consciência, que não cessa de *identificar*, sendo *identificar* o seu afazer, e *identificar* é reduzir tudo ao *idem* e ao *unum*, traço dominante de toda a filosofia ocidental e gérmen de toda a violência e totalitarismo, que não suporta a diferença do *outro*, de qualquer *outro*. Daí as hostilidades e violências sem fim, como hoje se vê.

4. “Eu-para-o outro”: passar de nominativo para acusativo

Ficou suficientemente à vista que é necessário sair dos velhos paradigmas do “eu-parte-da comunidade” e do “eu-para-mim”, para encarar uma terceira possibilidade alternativa que ofereça o “eu-para-o outro”, o “eu” acordado e instituído pelo “outro”. Claro que não se trata do outro que aparece dentro da organização e da pregação social, assente em qualquer ideologia. Trata-se da impossibilidade da bondade como regime, como sistema organizado, como instituição social. Trata-se da bondade da vida corrente, daquilo a que Ikonnikov chama a “pequena bondade”, que é a bondade fora de todo o sistema, bondade eterna, portanto, ao jeito do Evangelho, como se pode ver no incisivo livro “Vida e destino”, de Vassili Grossman, que se revê nos monólogos de Ikonnikov. Esta oferta assenta na *relação* e propõe a *gratuidade da relação* entre nós, subverte a ordem dos valores e institui um humano em que o *eu* não é definido em primeiro lugar *como atividade*, como *eu* cuja auto compreensão primeira e última é de *poder* [eu penso, eu posso, eu quero, eu mando, eu escolho, eu compro], mas *como passividade*, como *eu* cuja auto compreensão primeira e última é a de *ser de necessidade* [de ar, de pão, de amigos, de vizinhos, de companhia] de alguém que se debruce sobre a própria *necessidade*. Para a Bíblia e o Evangelho, o homem é pobreza radical, e não força ou poder, e Deus é aquele que sobre esta pobreza se debruça gratuitamente e continuamente.

Neste novo paradigma, aqui apenas esboçado, o *eu do grupo de pertença* e o *eu-para si* são depostos do seu pedestal, perdem o primeiro lugar e o seu modo de *nominativo*, e passam a ver-se em *acusativo*, aprendendo a soletrar um «*eis-me aqui*» como *resposta*, *responsabilidade*, e não a afirmar o seu *posto* de *eu* e de *primeiro*. Que o mesmo é dizer:

no princípio é o *rosto* do outro, que me visita, que passa por mim, que me elege, que me configura como “eis-me aqui” para o acolher e para responder às suas necessidades.